

Filho da Rua: jornalismo etnográfico ou reportagem de ideias?

Filho da Rua: ethnographic journalism or ideas journalism?

Taís Seibt¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Av. Unisinos, 950, 93022-000, Cristo Rei, São Leopoldo, RS, Brasil
seibt.tais@gmail.com

Resumo. Este texto se propõe a discutir a reportagem “Filho da Rua”, publicada em junho de 2012 pelo jornal *Zero Hora*, do Rio Grande do Sul, e vencedora do Prêmio Esso de Reportagem em 2012, a partir dos conceitos de “reportagem de ideias”, concebido por Michel Foucault, e “jornalismo etnográfico”, trabalhado por Érik Neveu. O objetivo é interpretar a reportagem à luz da proposta dos autores, a fim de inserir esses conceitos como instrumentos de crítica das práticas jornalísticas.

Palavras-chave: reportagem de ideias, jornalismo etnográfico, Foucault, crítica, práticas jornalísticas.

Abstract. This paper aims to discuss the newspaper report “Filho da Rua” (*son of the street*) published in June 2012 by the newspaper *Zero Hora*, Rio Grande do Sul, and Esso Prize winner for Reporting in 2012, using the concepts of “ideas journalism”, from Michel Foucault, and “ethnographic journalism”, from Érik Neveu. The intent is to interpret the newspaper report with the authors’ proposal, to include these concepts as tools of criticism of journalistic practices.

Key words: ideas report, ethnographic journalism, Foucault, critical, journalistic practices.

Introdução

O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) chamou de “reportagem de ideias” a série que escreveu no Irã para o jornal italiano *Corriere della Sera*, em 1978. Conforme Marocco (2009), a série de Foucault pretendia oferecer à prática jornalística o olhar do intelectual sobre o presente que testemunha, além de descrever um tipo de fonte que difere daquelas do jornalismo hegemônico. Com suas reportagens, Foucault esperava proporcionar esclarecimento e capacidade de intervenção em sua própria realidade aos indivíduos que ganhavam a condição de fontes.

O sociólogo contemporâneo Erik Neveu, também francês, nomeia o “jornalismo etnográfico” quando se refere à busca de um tipo de cobertura mais preocupado com as vivências e os centros de interesse dos leitores. Segundo o autor, são quatro as possibilidades de denominação deste jornalismo etnográfico: trata-se de um jornalismo de reportagem, fixa-se em cidadãos “comuns”, faz uso de procedimentos de citação de técnicas de encenação de estilos de vida, funciona sobre uma espécie de inversão das formas de cobertura comum, passando do ponto de vista dos que decidem para o dos efeitos de suas decisões (Neveu, 2006, p. 171).

A experiência de Foucault na redação de reportagens, mais do que um exercício jornalísti-

¹ Mestranda no PPGCOM Unisinos – área de concentração Processos Midiáticos, linha de pesquisa Linguagem e Práticas Jornalísticas, sob orientação do prof. Dr. Ronaldo Henn. Bolsista Prosup/Capes.

co diferenciado dos padrões clássicos, propõe uma crítica às práticas jornalísticas tradicionais. Por sua vez, as considerações de Neveu ao jornalismo etnográfico também apresentam instrumentos para tensionar os métodos a que tem recorrido o jornalismo para se diferenciar em suas práticas no contexto atual, classificado pelo autor como momento de “crises e renovações” (Neveu, 2006, p. 157).

Este texto irá articular a proposta de reportagem de ideias de Foucault e de jornalismo etnográfico de Neveu como ferramentas de crítica jornalística, apontando pontos de convergência e divergência entre um conceito e outro.

Para tal discussão servirá a reportagem Filho da Rua², publicada pelo jornal *Zero Hora*³, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em junho de 2012, e alguns de seus desdobramentos. Vencedora do Prêmio Esso de Reportagem em 2012, Filho da Rua foi publicada em um encarte com 16 páginas na edição dominical de *Zero Hora* do dia 17 de junho de 2012. A jornalista Leticia Duarte seguiu os passos de um menino de rua durante três anos para redigir a reportagem, que se apresenta com o intuito de retratar como “nasce” um menino de rua.

Por meio de uma análise interpretativa da referida reportagem, à luz da reportagem de ideias e do jornalismo etnográfico, pretende-se perceber elementos que permitam deslocar o texto do discurso hegemônico do jornalismo diário sobre os moradores de rua, tema central da matéria, e compreender alguns sentidos gerados pela publicação de uma reportagem como essa por um veículo de grande circulação.

Serão colocadas no horizonte desta análise outras matérias publicadas pelo mesmo jornal sobre esse tema em sua cobertura diária, a fim de sacar referências que permitam comparar a abordagem usual do tema com a reportagem Filho da Rua. Pretende-se, também, identificar aspectos de esclarecimento do personagem que é fonte principal da reportagem acerca de sua condição social e possibilidades de intervenção em sua própria realidade, tendo como base reportagens posteriores em que ele foi novamente retratado, como foi o caso de matéria publicada no Dia da Criança⁴, quatro meses

após a reportagem Filho da Rua.

Espera-se, com tais reflexões, ampliar o conhecimento da área de Comunicação acerca dos conceitos de reportagem de ideias e de jornalismo etnográfico, além de aferir a essas proposições alguma legitimidade como instrumento de crítica das práticas jornalísticas.

Reportagem de ideias

O berço para a concepção da “reportagem de ideias” de Foucault é a repressão do Exército iraniano sobre a revolta popular contra a monarquia, em 1978. O filósofo, junto com outros intelectuais, já havia assinado um protesto criticando o silenciamento das autoridades francesas diante da violação dos direitos humanos naquele país. Convidado pelo jornal italiano *Corriere della Sera* para escrever artigos contando sua visão sobre o acontecimento, Foucault tratou de se apropriar dos ritmos e processos de produção do jornalismo para fazer chegar ao Ocidente vozes do mundo islâmico que eram ignoradas pela mídia, sempre mais alinhada aos discursos oficiais das autoridades do que às massas.

Antes de sua primeira viagem ao Irã, como um repórter que se prepara para uma pauta, Foucault consultou um iraniano exilado em Paris, de quem recebeu livros, documentos, endereços e contatos. Em solo iraniano, encontrou-se com militantes da oposição, estudantes e jovens opositores. Evitou falar com políticos e entrevistou religiosos e intelectuais. Na segunda ida ao Irã, ouviu trabalhadores em greve. Nos artigos publicados após as duas viagens, o filósofo – na condição de jornalista – narra incidentes marcantes entremeadas com reflexões sobre a singularidade histórica que estava presenciando no momento de seu acontecimento (Marocco, 2009).

A compreensão do acontecimento estaria no cerne do papel do jornalista intelectual, encarregado de construir a “história do presente”, ao contrário do que preferiam os historiadores, que era “desacontecentalizar” a história, tornando-a inteligível segundo um mecanismo econômico, uma estrutura

² <http://migre.me/czRnn>

³ Fundado em 1964, em Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, *Zero Hora* é um dos jornais diários brasileiros de maior circulação, ocupando a sexta colocação no ranking do Instituto Verificador de Circulação (IVC), com 183 mil exemplares. Pertencente ao Grupo RBS, grupo de comunicação com atuação no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, com emissoras de rádio e televisão, jornais e sites, além de um núcleo de atuação em negócios digitais e mobile em São Paulo, *Zero Hora* é o jornal de maior circulação em território gaúcho, à frente de *Correio do Povo*, do grupo Record de comunicação, com 155 mil exemplares, e de *Diário Gaúcho*, que também pertence ao Grupo RBS, com 147 mil exemplares.

⁴ <http://migre.me/czRkz>

antropológica, um processo demográfico (Marocco, 2009, p. 169). “É preciso assistir ao nascimento das ideias e à explosão da força delas: e isso, não nos livros que as enunciam, mas, sim, dentro dos acontecimentos nos quais elas manifestam sua força” (Foucault, 1978, *in* Berger e Marocco, 2008, p. 50). Para Foucault, a acontecimentalização da história seria um procedimento de análise útil: o que importa é a solidez discursiva do acontecimento.

Nesse sentido, o jornalismo se apresentava ao intelectual como o campo adequado para a produção de um conhecimento crítico sobre os acontecimentos de sua época. Para isso, na concepção de Foucault, os intelectuais trabalhavam com os jornalistas e à semelhança dos jornalistas no cruzamento das ideias e dos fatos. Eis o alicerce para a construção das “reportagens de ideias” produzidas por Foucault no Irã.

Jornalismo etnográfico

Érik Neveu apresenta o jornalismo etnográfico em um contexto de renovações do jornalismo, como alternativa diante da preocupação de aumentar audiências. Para o autor, a percepção de que há uma expectativa de uma informação mais próxima e mais concreta no cotidiano se traduz no aumento deste dito jornalismo etnográfico – primeiramente, um jornalismo de reportagem, que se fixa em pessoas comuns, utiliza-se de técnicas de encenação de estilos de vida e inverte as formas convencionais de cobertura da atualidade.

O precursor do jornalismo etnográfico foi o *New Journalism* norte-americano, hoje substituído pelo *Intimante Journalism*, que utiliza a técnica do perfil ou da descrição realista da vida cotidiana para fazer com que os leitores saiam momentaneamente deles mesmos e sintam o que é ser outra pessoa para deixar inteligíveis problemas sociais a partir de um personagem (Neveu, 2006, p. 171).

Segundo Neveu (2006), restituir a experiência de pessoas ou grupos habitualmente ignorados pelo jornalismo pode tornar inteligíveis os efeitos concretos de políticas públicas, mas ainda assim não promove um jornalismo sociológico. Porém, a crescente valorização de um ponto de vista do “andar de baixo” sobre a atualidade se estende numa preocupação explícita em contribuir para um debate social que procure renovar os locutores legítimos e rediscutir o monopólio de especialistas e políticos sobre a hierarquia dos temas debatidos (Neveu, 2006, p. 172).

Esse processo foi traduzido nos Estados Unidos como *Public Journalism* ou *Civic Journalism*. “O que está em jogo é suscitar uma remobilização dos cidadãos e constituir um fórum com vistas a propor soluções para as questões evidenciadas” (Neveu, 2006, p. 173).

As proposições de Neveu, apesar de, primeiramente, estarem mais vinculadas a preocupação de atrair o interesse dos leitores, assim como as ideias de Foucault, também apelam, em alguma medida, para um desejo de intervenção do jornalismo nas questões sociais.

Filho da Rua

A reportagem *Filho da Rua* se diferencia das reportagens de ideias de Foucault no Irã por não tratar propriamente do nascimento de ideias, como se referia o autor à insurreição muçulmana contra o regime monárquico. Por outro lado, assemelha-se ao exercício foucaultiano do jornalismo pela característica da incursão em uma realidade social. Aproxima-se, nesse mesmo aspecto, do jornalismo etnográfico, ao passo que busca percepções que permitam extrapolar o discurso hegemônico acerca daquela realidade social, bem como questionar o silenciamento das autoridades diante do problema revelado pela reportagem, construindo a narrativa desde a perspectiva do menino de rua, com o qual o “cidadão comum” se confronta cotidianamente. Assim, a reportagem coloca em primeiro plano o “outro”.

O uso de fontes pouco convencionais – o próprio menino de rua e a mãe dele – chama atenção em *Filho da Rua*. Somente na página 5 do encarte de 16 páginas dedicado exclusivamente à reportagem, o depoimento da mãe e a descrição da saga de Felipe são interrompidos pela fala de uma fonte oficial, compreendida no sentido de Lage, ou seja, uma voz ligada à rede de instituições mantidas pelo Estado, que têm algum poder ou representação social (*in* Marocco, 2009, p. 175). Trata-se, no caso, de um desembargador que atua na Vara da Infância e da Juventude.

Na sequência, conselheiros tutelares e professores começam a aparecer na história de Felipe, assim como trechos de documentos que narram a peregrinação do menino pelas ruas de Porto Alegre desde 1998. Mais adiante, surge uma fonte do tipo expert, um psicólogo que comenta os méritos e limites do sistema de abrigos mantidos pelo governo. Mas a maior parte da história é narrada pela voz do próprio Felipe e seus familiares, além das observações

da repórter que acompanha a peregrinação do menino pelas ruas.

Ainda que traga para o texto vozes externas e que correspondem aos padrões convencionais de fontes jornalísticas, o peso dado a elas é muito inferior ao relato do próprio sujeito da reportagem. Em alguma medida, esse tratamento proporciona a tomada de consciência, por parte da própria fonte, acerca de sua condição na sociedade, por meio do trabalho jornalístico.

Essa era uma das preocupações de Foucault, tanto que ele mesmo foi a campo para produzir reportagens, no intuito de, como intelectual, também colaborar para a conscientização dos indivíduos a quem dava voz. Por outro lado, esse viés não é contemplado no jornalismo etnográfico, tido antes como uma estratégia para despertar interesse de leitura do que com qualquer cunho ideológico presumido.

Se, pelo intuito da jornalista na proposição da pauta há um pouco do desejo foucaultiano de revelar o que o discurso hegemônico silencia e provocar a reflexão acerca de uma realidade velada, no processo de produção da reportagem há forte semelhança com o método etnográfico inspirado na antropologia.

Girardi (2000) ajuda na reflexão acerca da prática etnográfica no jornalismo ao salientar que falar em etnografia implica em um conjunto de procedimentos de coleta de dados e análise de informações, baseados na observação direta, na entrevista, no contato prolongado com o sujeito/objeto de interesse que possibilita uma tentativa de interpretação de suas formas de organização, representação, construção de identidades, experiências culturais, etc. Assim, diz o autor, o repórter pode se transformar em um “etnógrafo” da sociedade ou dos diversos grupos e acontecimentos que ela comporta, apresentando situações e histórias de vida que causam espanto, ira ou curiosidade por estarem imersos em um mundo sobre o qual se tem pouca informação – e alguma dose de preconceito (Girardi, 2000, s/p).

Tais processos são perceptíveis na constituição da reportagem Filho da Rua. Em entrevista concedida para a redação deste artigo, Letícia Duarte, que além de jornalista é mestre em Ciências Sociais, revela que a ideia de mostrar “como nasce uma criança de rua” tem, de fundo, uma crença pessoal no papel social do jornalismo. “A gente está tão acostumado com

nossas mazelas sociais que parece que ficamos anestesiados, como se essas crianças fossem elemento natural da paisagem. Enquanto esse ainda for um problema crônico da sociedade brasileira, o jornalismo precisa sempre encontrar formas de retratá-lo, para ajudar a sociedade a refletir sobre ele e buscar formas de superá-lo”, diz a jornalista⁵.

Para ir contra a abordagem que naturaliza o discurso hegemônico sobre o menino de rua, Letícia foi a campo, como etnógrafa. No processo de coleta de informações, por meio de acompanhamento direto, a repórter conta que procurava gravar tudo o que conseguia, fazia anotações, tirava fotos no meu celular para ajudar a reconstituir o ambiente, reproduzia documentos (aos quais teve acesso mediante autorização do Juizado da Infância e da Juventude).

Ao ser publicada, após três anos de acompanhamento etnográfico, a reportagem Filho da Rua não só propõe uma crítica à ordem social hegemônica, no sentido de revelar uma realidade social, na maioria das vezes, desprezada pela sociedade, mas também faz um movimento de crítica às práticas jornalísticas que correspondem à referida ordem social hegemônica, conforme propunha Foucault. Ao mesmo tempo, promove o debate sobre um problema social que está posto e mobiliza a sociedade na discussão de soluções, como pretendia o “jornalismo cívico” que emerge do jornalismo etnográfico abordado por Neveu.

A título de ilustração, foi feita uma pesquisa no banco de dados digital do jornal a fim de verificar quantas reportagens, no ano de 2012, mencionaram o termo “morador de rua”. Foram encontradas 30 menções, assim distribuídas entre as editorias: 11 em Geral, 7 em Polícia, 5 em Opinião, 3 em Bairros, 3 em Cultura e 1 em Cartas do Leitor.

Das menções em Geral, os temas principais eram o caso de um papeleiro que teve o corpo queimado em Caxias do Sul, em setembro de 2012, e um morador de rua, ex-modelo, que teve a foto compartilhada milhares de vezes em poucos dias nas redes sociais, em outubro.

Quando moradores de rua são temas de reportagens nos cadernos de bairros o tom, recorrentemente, é de ameaça social. São vizinhos reclamando de terrenos baldios ou casas abandonadas que acabam sendo ocupadas por sem-teto colocando em risco a segurança do local, segundo o relato publicado no jornal.

⁵ Entrevista concedida a Taís Seibt em 03/06/2013.

Nas páginas policiais, são frequentes notícias de agressão e homicídios de moradores de rua, o que também reforça o discurso de marginalização desse grupo de pessoas.

Uma das poucas exceções foi a notícia sobre um casal de moradores de rua de São Paulo que devolveu R\$ 20 mil encontrados na rua ao dono do dinheiro. Na maioria dos outros casos, o noticiário acerca do tema reforça a marginalidade e o discurso de ameaça que a existência dos moradores de rua supostamente representa à sociedade.

Essa amostragem, portanto, indica que a prática jornalística corresponde à ordem social hegemônica, que exclui e marginaliza o morador de rua. Filho da Rua caminha na direção oposta, buscando revelar as razões que levam as pessoas a viverem pelas ruas e como a sociedade acaba sustentando essa condição. Assim, transcende a “zona de silêncio” construída pelo jornalismo, que naturaliza o discurso hegemônico.

Nesse sentido, a reportagem analisada atende ao que Foucault chamou de história do presente, construída a partir do questionamento: o que está acontecendo no presente que não chega até nós? Apresentar a história de um menino de rua, demonstrando as razões para tal condição, não deixa de apresentar um tema de fundo da atualidade. Ao mesmo tempo, a apresentação desta realidade – presente – prescindiu de um trabalho prolongado de acompanhamento, possível somente lançando mão de estratégias próprias da etnografia, revelando um “mundo sobre o qual se tem pouca informação e alguma dose de preconceito”, como dizia Girardi (2000, s/p).

Outro aspecto da reportagem Filho da Rua que a aproxima da reportagem de ideias é a noção de “fonte pedagógica”, ou seja, a capacidade reflexiva da fonte quando ela é sujeito do próprio discurso. Trata-se de uma tomada de consciência de sua condição social, a ponto de gerar transformações e interferir na própria realidade.

Quatro meses após a publicação do encarte de 16 páginas contando a história de Felipe, Zero Hora voltou a procurar o menino. No texto, a repórter relata que o menino pede para o fotógrafo fazer um retrato das mãos dele. “Mostrar as mãos limpas virou uma questão de orgulho para Felipe desde a publicação da reportagem Filho da Rua, que contou a sua história” (Duarte, 2012b).

Trata-se de uma referência à foto que estampou a capa do encarte, onde aparecem as

mãos sujas do menino. Como relatado pela reportagem, Felipe não foi alfabetizado, portanto, não pôde ler sua história narrada no jornal, mas foi capaz de compreender o que estava revelado nas 16 páginas escritas sobre sua peregrinação. A partir disso, decidiu agir para mudar a própria história, a começar pelo orgulho de poder mostrar as mãos limpas.

Tomada pelo jornalismo etnográfico, a narrativa da conquista de Felipe em relação a sua condição de vulnerabilidade social serve ao propósito de conquistar a atenção do leitor, simpático a histórias “com final feliz” – a encenação do cotidiano a que se referia Neveu (2006, p. 171).

Considerações finais

Da análise apresentada neste breve comentário, restam indícios que fortalecem as concepções de reportagem de ideias e jornalismo etnográfico, se não como práticas jornalísticas propriamente, pelo menos como ferramentas de crítica das práticas jornalísticas.

O exercício de fazer uma leitura interpretativa de uma grande reportagem, como é o caso de Filho da Rua, à luz das proposições foucaultianas sobre as fontes jornalísticas e o discurso jornalístico acerca dos temas de fundo da atualidade abre margem para formas alternativas às lógicas sociais hegemônicas naturalizadas pelo jornalismo diário. Da mesma forma, a abordagem inspirada na etnografia lança indícios para a compreensão dessa estratégia narrativa à qual o jornalismo recorre, abalado pelas incertezas que circundam a atividade jornalística na sociedade contemporânea.

No caso analisado, a reportagem apresenta elementos de tensionamento tanto por um quanto por outro viés, o que permite, ainda, inferir que, apesar dos contextos distintos de que cada uma emerge, ambas as perspectivas encontram pontos de convergência em determinados aspectos. Primeiro, por privilegiar o ponto de vista “do andar de baixo”. Depois, por se referirem a trabalhos essencialmente de reportagem, melhor dizendo, o exercício da grande reportagem. Ainda, tanto Foucault quanto Neveu enfatizam a busca por fontes menos convencionais, mais próximas do “cidadão comum”. Por fim, ambos tangenciam a possibilidade de intervenção do jornalismo nas questões de fundo da sociedade.

Reportagens que atendam a esses requisitos, no entanto, são exceções, como a própria coleta de conteúdos para efeito de comparação

neste texto demonstrou. Porém, são possíveis, e encontram espaço até mesmo em mídias hegemônicas, como é o caso do jornal Zero Hora, que veiculou Filho da Rua.

Ao destacar este trabalho, colocando-o em perspectiva com tais conceitos, espera-se, enfim, que a tentativa feita neste comentário sirva para ampliar o conhecimento da área acerca das proposições de reportagem de ideias e jornalismo etnográfico para o exercício do jornalismo, como espaço de renovação de suas práticas na contemporaneidade.

Referências

- BERGER, C.; MAROCCO, B. 2008. *Ilha do Presídio: uma reportagem de idéias*. Porto Alegre, Libretos, 192 p.
- DUARTE, L. 2012a. Filho da Rua. Zero Hora. Porto Alegre, 17 jun, 16 p.

- DUARTE, L. 2012b. Quatro meses após publicação de reportagem, Felipe aproveita chance de seguir um caminho diferente. Zero Hora, Porto Alegre, 13 out.
- DUARTE, L. 2013. Entrevista concedida a Taís Seibt. 3 jun.
- GIRARDI JR. L. 2000. A reportagem como experiência etnográfica. In: Anuário de Jornalismo. São Paulo, Cásper Líbero, s/p.
- MAROCCO, B. 2009. Reportagens de ideias, uma contribuição de Foucault ao jornalismo. *Revista Galáxia*, 18:168-179.
- NEVEU, E. 2006. *Sociologia do jornalismo*. São Paulo, Loyola, 216 p.

Submetido: 30/05/2013
Aceito: 05/07/2013